

**OS CAPITÉIS COMO LUGARES DE DEVOÇÃO E DE CELEBRAÇÃO EM
COMUNIDADE: REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM UMA
COLÔNIA ITALIANA NO SUL DO BRASIL**

**THE CAPITELS AS DEVOTION OF SEATS AND CELEBRATION IN
COMMUNITY: REPRESENTATION, MEMORY AND IDENTITY AT ITALIAN
COLONY IN SOUTHERN REGION OF BRAZIL**

Daniel Luciano Gevehr¹

Aline Nandi²

Resumo

A pesquisa discute o processo de criação dos capitéis (pequenos oratórios) na localidade de Boa Esperança, município de Rolante (RS). O objetivo principal do estudo é analisar o contexto em que se deram essas construções na comunidade ítalo-riograndense da Boa Esperança, bem como os diferentes significados que as imagens presentes nesses espaços apresentam. Analisamos ainda a relação desses capitéis com as noções de identidade, religiosidade e etnicidade, presentes no contexto da Colônia Boa Esperança, que atualmente desenvolve um projeto turístico conhecido como Caminho das Pipas. Dessa forma, o estudo aprofunda a discussão sobre a dinâmica que envolve a ressignificação desses lugares, considerados sagrados pela comunidade, desde sua criação até os dias atuais.

Palavras-chave: Capitéis. Imigração Italiana. Memória e identidade.

Abstract

The research discusses the process of creation of the chapters (small oratories) in the locality of Boa Esperança, municipality of Rolante (RS). The main objective of the study is to analyze the context in which these constructions in the Italian-riograndense of Boa Esperança community are given, as well as the different meanings that the images present in these spaces feature. Also we analyze the relationship between these chapters and the notions of identity, religion and ethnicity, present in the context of Boa Esperança Colony, which currently developes a tourism project known as the Way of Pipas. Thus, the study deepens the discussion on the dynamics surrounding the ressignification of these places considered sacred by the community, from its creation to the present day.

Keywords: Chapters. Italian immigration. Memory and Identity.

¹ Doutor em História e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Email: danielgevehr@hotmail.com.

² Graduada em História e Mestre em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Email: alinen_sintraf@hotmail.com.

Considerações iniciais

Tendo como ponto de partida a história da imigração italiana no Rio Grande do Sul – que constitui-se em uma ampla produção historiográfica – e a dinâmica que envolve a circulação de ideias nessas áreas, pretendemos, nesse estudo, analisar o processo que envolveu a criação dos capitéis – pequenos oratórios – pelos moradores da Colônia Boa Esperança, localizada em Rolante (RS), no período de 1945 a 1960.

O município de Rolante está localizado a 76 km de Porto Alegre e faz parte da Região Metropolitana. A Colônia Boa Esperança encontra-se no interior desse município e distingue-se das demais colônias de imigrantes da região pelo fato de ter sido colonizada por imigrantes italianos, numa região típica de colonização alemã. Assim, a Boa Esperança pode ser compreendida como um reduto de imigração italiana em terras de colonização alemã na região do Vale do Paranhana – o que torna seus traços identitários ainda mais visíveis, através daquilo que chamamos de “fabricação das identidades pela diferença” (SILVA, 2014).

Buscamos, através dessa análise, compreender as relações que se estabelecem entre os moradores dessa comunidade – constituída inicialmente de imigrantes italianos e de seus descendentes – e os capitéis. Para tanto, nos preocupamos em investigar o processo histórico que envolveu essas construções, sua função social na comunidade e os elementos de caráter religioso e identitário presentes nesses oratórios dispostos na margem das estradas que cortam a localidade. A relação com o lugar nos permitiu, sem dúvida, melhor compreender a relação que essa comunidade estabelece com os capitéis, considerados espaços sagrados de devoção.

Os capitéis foram construídos pela segunda geração dos imigrantes italianos que colonizaram a localidade, e podem ser compreendidos como parte do patrimônio cultural e religioso da localidade de Boa Esperança. Dessa forma, nos propomos a investigar a função social que tiveram estes lugares de religiosidade e as relações que os atuais moradores da localidade estabelecem com estes espaços.

A partir disso, nos propomos a contextualizar historicamente as práticas religiosas que ocorriam junto aos capitéis no passado e como estas práticas são realizadas atualmente. Preocupamo-nos, ainda, em compreender como as relações de pertencimento a estes locais, considerados sagrados pelos seus moradores, se dão no

âmbito local, num processo de atualização da memória de seus antepassados. Além da função social que estes espaços representam, apontamos a necessidade que a comunidade teve de difundir os capitéis na promoção do turismo; o que se verifica no cuidado que os moradores têm com a manutenção destas construções.

Nossas fontes se concentram em registros fotográficos, na observação e nas entrevistas realizadas na própria comunidade. Diante de tal desafio, foi necessário percorrer o Caminho das Pipas e identificar pessoas da comunidade que pudessem, a partir da oralidade, apresentar relatos sobre a construção dos capitéis, suas representações, formas de manutenção e as práticas estabelecidas nestes espaços.

Vale lembrar que foi buscando promover alternativas de agregação de renda e produção agrícola na localidade de Boa Esperança, que foi criado em 1995, pelos agricultores da comunidade, em parceria com a Prefeitura Municipal de Rolante, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado), o Caminho das Pipas. Localizado no 4º Distrito de Rolante, o roteiro turístico é composto por nove cantinas de produção de vinho e suco colonial artesanal, além de uma casa de massas, um restaurante e uma pousada. O roteiro agrega ainda a Cascata Três Quedas e diferentes espaços de comercialização de produtos coloniais.

Nessa perspectiva apresentada, entendemos que os *lugares* (NORA, 1993) que percorremos nos fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da *memória coletiva* (HALBWACHS, 2004). Propusemo-nos no caso das entrevistas, a conversar primeiramente com pessoas responsáveis pela manutenção dos capitéis ou que tivessem relação com a construção e/ou história destes monumentos, patrimonializados pelos seus moradores. Partindo, ainda, da noção de que a construção de monumentos, a denominação de lugares e a preocupação com a valorização e preservação de personagens do passado estão diretamente associadas a uma memória coletiva (PESAVENTO, 2002), analisaremos os capitéis da Boa Esperança.

É, portanto, nesse contexto no qual se cruzam a memória e o patrimônio (CHOAY, 2001), que constatamos essa busca pelo passado, que passa a ser contado através dos vestígios deixados pelas gerações passadas. Recusando as concepções mais conservadoras de patrimônio, que o qualificavam apenas como o patrimônio “de pedra e

cal”, entendemos que a nova categoria elege “lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas” (GONÇALVES, 2009, p. 28).

Dessa forma, observamos que a comunidade da Boa Esperança busca fortalecer seus vínculos com o passado dos primeiros povoadores, que fundaram a Colônia Italiana. Rememorar os capitéis da comunidade, compreendendo esses espaços como *lugares de memória* e como materializações simbólicas de sua religiosidade, nos fazem refletir sobre os processos identitários que esse exercício da memória e da patrimonialização na comunidade produz.

Esse processo que envolve a memória, o imaginário e o patrimônio de uma comunidade nos leva à problematização do caso que envolve a Colônia Italiana de Rolante, na qual operam esses três elementos. Os capitéis, atualmente compreendidos pela comunidade como parte de seu patrimônio, são alvo de atenção por parte de seus moradores. Para eles, os capitéis representam parte do seu jeito de ser, de sua história e de suas aproximações étnicas e religiosas, expressas nos atos de devoção coletiva.

Os capitéis da Colônia Boa Esperança: espaços de devoção em comunidade

Foram construídos, ao todo, quatro capitéis na Boa Esperança. Suas construções tiveram início em 1945, com a segunda geração dos descendentes de imigrantes italianos, e estendeu-se até a década de 1960, quando se ergueu o último capitel. No período da construção dos capitéis, a comunidade já contava com uma igreja de madeira, dedicada à Nossa Senhora do Caravaggio e levantada logo no início da colonização: “A primeira igreja de madeira foi construída pelos marceneiros do local – Finger e Basei. De alvenaria, foi construída a Casa Canônica para residência do padre vigário” (SHIEROLT, 2004, p. 45).

A igreja em alvenaria foi construída depois de que as famílias da localidade alcançaram uma estabilização financeira e uma melhor organização social. A igreja foi transformada em paróquia e completou 70 anos no mês de maio de 2014. Para celebrar o aniversário da paróquia foi organizada uma intensa programação religiosa e festiva, com reza de terços, celebrações do tríduo e uma grande missa que contou com a presença do bispo da Diocese de Novo Hamburgo, dom Zeno Hastenteufel.

Religião, migração e cultura Imagens da fé

Tendo a religião como principal forma de integração da comunidade, o núcleo central da colônia é caracterizado pela presença da igreja matriz sendo esta a única igreja da localidade: “Contam até hoje com apenas uma igreja, a católica, demonstrando que a religiosidade ainda é algo essencial para sua permanência e motivação na colônia” (CAMBRUZZI e GEVEHR, 2008, p. 86).

Além da tradição religiosa ser manifestada com festividades, dedicadas de modo especial a São Cristóvão e a Nossa Senhora do Caravaggio, a tradição religiosa também é evidenciada através da construção dos capitéis. Estes, segundo Schierholt (2004), são oratórios, pequenas capelinhas construídas na beira da estrada, sendo suas construções motivadas por promessas dos colonos.

Os quatro capitéis da localidade foram construídos em terras particulares, à beira das estradas que ligam a região colonial, próximos ao local de moradia da família que havia feito alguma promessa. Tendo sua graça alcançada, logo iniciava-se a construção do espaço de oração, como forma de “pagamento” pela conquista do pedido.

Nos capitéis eram colocadas as imagens do santo de devoção da família, ao qual era destinado o pedido/promessa. A devoção aos santos é fruto da tradição familiar, passada para cada geração, tendo em vista, ainda, que as famílias italianas estabelecidas na localidade de Boa Esperança professavam a fé na Igreja Católica Apostólica Romana. Os descendentes dos imigrantes preservaram diferentes práticas e costumes religiosos trazidos da Itália e herdados de seus antepassados, agora repassados e (res)significados pelas novas gerações.

A relação existente entre as *identidades religiosas* e as *fronteiras étnicas* – como é o nosso caso – é analisada por Gisele Chagas, em seu estudo sobre a comunidade muçulmana no Rio de Janeiro (CHAGAS, 2009). A análise apresentada pela autora nos permitiu melhor compreendermos o processo que envolve a produção de fronteiras étnicas e identidades religiosas, como ocorre na Colônia Boa Esperança. Nela, a etnicidade e a religiosidade aparecem como elementos diferenciadores, uma vez que a maioria dos moradores de Rolante é de origem germânica e praticante do protestantismo. Assim a identidade étnica e a religião praticada pelos moradores da Boa Esperança são traços de distinção dos demais moradores do município.

Nesse contexto, a construção dos capitéis está revestida de um universo religioso, no qual a materialização desses oratórios representava alguma graça

Religião, migração e cultura Imagens da fé

alcançada, sendo compreendida pelos seus criadores como a prova da força dos santos e uma forma de manifestação divina. Vale lembrar que esses imigrantes vinham de um contexto no qual na Itália, cada vila tinha seu santo padroeiro, venerado não tanto como modelo cristão de virtudes, mas principalmente como *protetor mágico* que auxiliava nos momentos de necessidades ou nas adversidades (FOCHESATTO, 1977).

Tornam-se evidentes os traços identitários presentes nesses pequenos oratórios, dispostos à margem das estradas que cortam a Colônia Italiana de Rolante. Se, por um lado, esses espaços permitem a rememoração do passado dos seus primeiros imigrantes – e por consequência a necessidade de reafirmar sua identidade étnica ligada aos imigrantes italianos –, por outro lado, eles permitem a reafirmação de sua religiosidade, ligada às tradições da Igreja Católica. Esses dois elementos conjugados, *etnia e religião*, caracterizam fortemente a identidade da comunidade da Boa Esperança.

A produção da lembrança, no contexto das comunidades étnicas, é discutida por Paulo Guérios, que particulariza essa questão através de seu estudo sobre os imigrantes ucranianos (GUÉRIOS, 2008), em que a etnicidade e a religiosidade constituem os elementos centrais da identidade do grupo. Já o estudo de Giralda Seyferth, que problematiza essa mesma questão, mas que tem como recorte espacial os imigrantes alemães em Blumenau (SC) nos permitiu melhor compreender a dinâmica de produção de identidades étnicas em áreas de colonização no sul do Brasil (SEYFERTH, 2011). Esses mesmos elementos se fazem presente na Colônia Boa Esperança.

Antes de continuarmos com a caracterização dos capitéis da Boa Esperança, precisamos conhecer melhor o cenário em que esse Patrimônio Cultural da comunidade se insere. A dinâmica que envolve a colonização das terras e o processo de organização política e social dessa comunidade nos permite melhor compreender como os oratórios construídos na margem das estradas da colônia representam aspectos da identidade étnica de seus moradores, ao mesmo tempo em que procuram *manter viva uma memória dos antepassados* (BOSI, 1994).

As imagens dos santos e os espaços de devoção

Na segunda metade do século XIX deu-se início ao processo de ocupação de Rolante pelos imigrantes europeus. Parte da economia regional concentrava-se na leva

Religião, migração e cultura Imagens da fé

de gados do Rio Grande do Sul até São Paulo, e foi dessa forma que moradores da região passaram a utilizar o caminho que tinha início em Viamão, passando por Rolante e seguindo até o território paulista. Os conhecidos tropeiros tinham Rolante em seu roteiro.

Mas foi em 1882 que chegaram em Rolante os primeiros colonizadores vindos das colônias velhas de imigração italiana no Rio Grande do Sul (como Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi), e que acabaram fixando moradia em Alto Rolante, atual distrito de Rolante. As terras foram cedidas por uma empresa colonizadora aos imigrantes alemães. Os ítalo-riograndenses, por sua vez, chegaram à localidade somente na primeira década do século XX.

Sobre a ocupação das terras da Boa Esperança, Schierholt (2004, p. 39) aponta que “Bepim Maliverno, imigrante italiano que residia em Caxias do Sul, loteou as terras ao norte de Boa Esperança. Cel. João Augusto Linck, herdeiro do imigrante Carlos Kroeff, loteou a sede da Boa Esperança”. Para reconstruirmos o caminho percorrido pelos imigrantes vindos das velhas colônias, Cambruzzi e Gevehr (2008, p. 84) apontam que: “A viagem das colônias da serra até Boa Esperança era feita pelo rio Caí. De lá vinham a Taquara de trem e o restante do trajeto era feito a pé [...]. A bagagem também era pouca, traziam alguns pertences, um pouco de alimento e muita coragem”.

Pertencente originalmente a Santo Antônio da Patrulha, Rolante teve sua emancipação político-administrativa, concedida em 28 de fevereiro de 1955. Atualmente, o município é conhecido como a Capital Nacional da Cuca, e também como a terra natal do cantor tradicionalista gaúcho Teixeirinha.

Atualmente, Rolante faz parte do Vale do Paranhana, na Encosta Inferior da Serra Gaúcha, e desde 2010 integra a Região Metropolitana de Porto Alegre, estando ainda inserido na Reserva da Biosfera de Mata Atlântica. De acordo com o IBGE (2014), sua população total é de 19.493 habitantes. Tendo como principais atividades econômicas a indústria, os serviços e a agricultura, Rolante apresenta grande concentração de propriedades com atividades produtivas ligadas à agricultura familiar.

Num contexto de transformações – marcado pela urbanização e pela industrialização do município – a criação do Caminho das Pipas como roteiro turístico, apresentou uma alternativa de renda para as famílias agricultoras e acabou impulsionando a construção de agroindústrias.

Religião, migração e cultura Imagens da fé

A Emater, através de seu escritório em Rolante e em parceria com a prefeitura municipal e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, iniciou um trabalho de diversificação das atividades praticadas pelos agricultores familiares. Na década de 1990 surge o roteiro turístico Caminho das Pipas, impulsionando a geração de renda, agregando valor aos produtos locais, impulsionando a visitação de turistas nas propriedades rurais, bem como melhorias na infraestrutura das propriedades e no acesso a estas propriedades.

Através dessas ações, verificou-se uma sensível diminuição do êxodo rural na Boa Esperança, que passava a contar com a perspectiva de novas atividades nas quais mulheres e jovens também podiam participar ativamente. O roteiro possui sua marca, sendo que todos os empreendimentos estão identificados com placas ao longo do roteiro, além de pipas de vinho que identificam as entradas das cantinas. Atualmente, a Boa Esperança tem aproximadamente 80 famílias que residem ou possuem casas de final de semana, agregando assim uma economia promissora.

Passadas quase duas décadas da instituição do roteiro turístico Caminho das Pipas, uma série de atrativos foram agregados ao seu circuito, aproveitando as construções, monumentos e aspectos da cultura local e os traços étnicos que caracterizam a localidade, para fomentar o turismo e potencializar ainda a reafirmação da identidade da população local, descendente de italianos.

Além da preservação dos monumentos, através da organização comunitária, a comunidade busca, através de registros fotográficos, preservar a história dos antepassados e dos fatos sociais representativos da comunidade. Uma exposição fotográfica está colocada no salão comunitário com fotos e identificação das primeiras famílias que se estabeleceram na Colônia Boa Esperança, além de fotos dos descendentes dos primeiros colonos que realizam algum tipo de evento festivo social como bodas de prata e ouro.

A exposição está disposta sobre as paredes do balcão de venda de bebidas e alimentos, na copa do salão da igreja local. São dezenas de fotos em porta-retratos com a identificação das famílias e o ano em que estas fotos foram tiradas. Nesta amostra é possível perceber o jeito simples de viver dos colonos.

As famílias numerosas buscaram, através da fotografia, eternizar suas histórias, de forma que tal ato proporciona na atualidade a possibilidade de conhecermos os “esquecidos” colonizadores e seus descendentes através deste espaço preservado

Religião, migração e cultura Imagens da fé

cuidadosamente pelos descendentes de imigrantes integrantes da colônia Boa Esperança.

Fazendo parte desse conjunto, encontramos os capitéis. Estes passaram a integrar o circuito de espaços para visitação dos turistas, que se mostram curiosos diante destes oratórios, observados nas margens das estradas que levam às vinícolas.

Percorrendo as estradas que cortam a Colônia de Boa Esperança, encontramos os quatro capitéis, objeto central de nossa investiga o. Os capitéis ou *casinhas dos santos*, como são popularmente conhecidos, estão situados de forma destacada na margem das estradas através das quais os moradores passam cotidianamente e nos finais de semana circulam os turistas, que vêm em busca das comidas típicas, do vinho produzido artesanalmente e das belezas naturais da região.

Nesse caminho, encontramos os capitéis, como *lugares de religiosidade e de representa o da identidade* de seus moradores, descendentes de italianos. Pretendemos aqui analisar o contexto de produ o e seus significados.

Tradicionalmente conhecido como *santo casamenteiro*, a constru o do capitel de Santo Antônio, nada tem a ver com a fama que o santo adquiriu no mundo. Construido em 1945 pela família de Celeste Boniatti, encontra-se às margens da estrada que liga a localidade de Boa Esperança a São Francisco de Paula. Teve sua arquitetura original em madeira, sendo posteriormente substituída pela que observamos abaixo.

De acordo com os depoimentos, o que teria motivado Celeste Boniatti a fazer o capitel, foi um forte temporal que destruiu a casa da família e outras casas da comunidade. Não havendo nenhum prejuízo   integridade física das pessoas de sua família e de outras pessoas da comunidade, o mesmo prometeu que, após a reconstru o de sua casa, faria um capitel em devo o a Santo Antônio, para que o mesmo pudesse continuar protegendo a família.

No ato oficial de sua inaugura o foram celebradas uma missa campal e umas festividades no local. Com o recurso das vendas e ofertas da festa, a comunidade comprou os bancos e as janelas da igreja da localidade. Anualmente, no dia de Santo Antônio, em 13 de junho, moradores se reúnem no local, onde hoje há um capitel de alvenaria, para celebr -lo e rezar um terço.

No seu interior encontramos um altar, no qual está a imagem de Santo Antônio, possivelmente a imagem original do primeiro capitel, construido no mesmo local do

Religião, migração e cultura Imagens da fé

atual, conforme já descrito anteriormente. Neste altar também estão depositadas as imagens de Nossa Senhora Aparecida, de Santo Expedito e outras três imagens. Possivelmente, estas imagens foram depositadas por pessoas que realizaram a promessa da doação de tais imagens para novas graças alcançadas. Ainda no altar estão um retrato com a oração de Santa Bárbara, padroeira da localidade, alguns outros adornos religiosos e um terço em madeira sob a parede do capitel.

Figura 1



Capitel Santo Antônio. Fonte: Acervo dos Autores.

A toalha que cobre o altar possui imagens relacionadas ao sacramento da Comunhão, sendo o trigo, a uva e a vela pintados sobre o tecido. Tal adereço é substituído frequentemente pela família que está responsável pelos cuidados daquele espaço. A porta do capitel é feita de ferro e possui vidros na parte superior, que permitem ver o interior do capitel. A porta fica aberta apenas em dias especiais ou quando solicitada a visitação. No entorno do Capitel Santo Antônio estão uma plantação de *pinus*, algumas plantas de jardim e um gramado. O mesmo está identificado por uma placa de sinalização turística, contendo o nome do santo homenageado naquele lugar.

Devotada pelos católicos como a *santa protetora das tempestades*, Santa Bárbara também foi homenageada com a construção de um capitel na localidade. Segundo a tradição oral da comunidade, após uma tempestade que destruiu lavouras e danificou casas da comunidade, as famílias de Ceverino Scalcon e Atílio Taufer uniram forças para realizar a construção em busca da proteção da santa. De acordo com esses

Religião, migração e cultura Imagens da fé

relatos, desde a construção do capitel, nenhuma forte tempestade atingiu mais a comunidade, não causando mais prejuízos às lavouras e aos demais bens das famílias, que têm como principal fonte de renda o trabalho na produção agrícola com especialização em vinicultura.

Com o término da construção do capitel, por volta do ano de 1945, uma grande missa foi celebrada no local e, durante alguns anos, esse mesmo rito se repetiu, para marcar o aniversário de criação do capitel. Porém, com o passar do tempo e a morte dos seus idealizadores, a tradição foi se perdendo. Nos últimos anos, tem sido realizada somente a reza do terço com ofertas e não mais a missa tradicional. O local passa constantemente por manutenções, que são realizadas pelos próprios moradores, garantindo assim sua conservação.

O Capitel Santa Barbara está localizado às margens da estrada que dá acesso à localidade de Morro Grande, próximo ao Morro da Asa Delta, um dos principais pontos turísticos do município, devido às suas belezas naturais e à prática do vôo livre. O capitel possui características arquitetônicas de estilo colonial. Seu espaço interno também é reduzido, não permitindo a entrada de várias pessoas simultaneamente.

No seu interior encontramos um altar, onde nos deparamos com a imagem de Santa Bárbara, disposta sobre um altar móvel decorado com tecidos, que é geralmente usado para as procissões realizadas na Colônia, onde moradores fazem uma espécie de caminhada com a santa pelas estradas da localidade, em especial nos dias de celebrações religiosas no capitel.

No altar fixo ainda estão depositados um crucifixo, a imagem de São José e algumas flores artificiais que decoram o cenário religioso. Em dias de festividades ou rezas de terço com a comunidade, são colocadas ainda sobre o altar flores naturais, cultivadas pelos próprios moradores, que dessa forma prestam homenagem à santa, conferindo uma simbologia própria ao ritual.

No capitel encontramos ainda uma toalha de tecido branco que cobre o altar, coberta por uma segunda toalha, em plástico transparente, que protege o espaço da umidade e da sujeira da estrada. A porta é – assim como no capitel de Santo Antônio – feita de ferro e possui vidros na parte superior que permitem ver o interior do capitel. A porta é aberta apenas em dias especiais, ou quando solicitado para os cuidadores do

capitel que moram nas proximidades do mesmo, ou então para a visita de grupos de turistas ou para a realização de algum ritual religioso específico.

Figura 2



Capitel Santa Bárbara. Fonte: Acervo dos Autores.

No entorno do Capitel Santa Barbara encontramos uma plantação de milho, árvores nativas e um espaço livre, na parte da frente, coberto por um gramado, que é periodicamente limpo pelos moradores próximos. O cuidado com a limpeza do local é, na percepção dos moradores devotos, uma manifestação de gratidão pelas graças alcançadas em razão da santa. Assim como os demais, o capitel possui placa de sinalização turística.

Também o *santo protetor dos animais e de algumas enfermidades* tem um capitel em sua devoção. Sua primeira construção em madeira foi feita por Domingos Boniatti, por volta de 1950, segundo relato de sua filha Vitória Valandro. De acordo com as memórias de sua filha, Boniatti sofria há algum tempo, com feridas na perna, o que o impedia de realizar diversas atividades. Foi então que ao recorrer a São Roque e tendo-lhe prometido um espaço de encontro e oração em suas terras, suas feridas foram curadas.

Ao cumprir sua promessa, Boniatti, familiares e a comunidade, compadecida com o fato ocorrido, celebram ali uma missa. Durante alguns anos, em 16 de agosto, dia em que é celebrado pela Igreja Católica o dia de São Roque, celebrava-se na

Religião, migração e cultura Imagens da fé

comunidade uma missa em homenagem ao santo. Nos dias atuais, moradores da comunidade reúnem-se no final da tarde, no dia de São Roque, para rezar o terço ou realizar o “pagamento” ou “cumprimento” de alguma promessa. De acordo com o depoimento de Vitória Valandro, os rituais da comunidade passaram por um processo de ressignificação ao longo do tempo, uma vez que, segundo ela: “Ali sempre rezávamos a missa, o terço e fazíamos festa, com churrasco e tudo, mas, há mais de 30 anos, não fizemos mais a festa. Celebramos a data de forma diferente, muitas famílias não trabalham neste dia e é feita a reza do terço”.

O Capitel São Roque possui características arquitetônicas neoclássicas. Seu espaço interno também é reduzido. A pintura interna e externa está um pouco danificada e o acesso ao interior se dá através de uma escada. Um aspecto que chama a atenção é que esse capitel é o único que apresenta uma cruz na estrutura externa superior, destacando com isso sua função religiosa.

Ainda no seu interior encontramos um altar, no qual o visitante pode contemplar a imagem de São Roque. Neste altar também estão depositadas as imagens de outros santos de devoção, deixados pelos visitantes e/ou religiosos frequentadores do local. A porta de entrada do oratório também é de ferro, como os demais capitéis, e possui vidros na parte superior e pequenas janelas laterais, permitindo visualizar o seu interior. Segundo os moradores, a porta é aberta somente em dias especiais ou quando solicitada para visitação de turistas. A família Boniatti, idealizadora do oratório, delegou a responsabilidade de conserva o do espaço a uma moradora próxima do capitel, bem como a administra o e o investimento dos recursos arrecadados através de doa es dos moradores e visitantes – que são utilizados para a manuten o do capitel. No entorno do Capitel São Roque encontra-se vasta vegeta o local – da qual se sobressai a imagem do capitel. O acesso ao local de ora o encontra-se limpo e identificado por uma placa de sinaliza o turística, contendo o nome do capitel.

Seguindo pelos caminhos da Boa Esperança, encontramos, na estrada que liga a comunidade ao Morro da Asa Delta, o último capitel, que presta homenagem ao mesmo santo do primeiro capitel analisado, que   *Santo Antônio*. De acordo com os relatos dos moradores, este capitel foi construído por José A. Cambruzzi.

Segundo as memórias da comunidade, a constru o foi motivada pelo fato de que muitos moradores da comunidade estavam indo embora e a capela de madeira que

existia nas proximidades precisou ser desmanchada em função da ação do tempo e da falta de recursos para construção de um novo templo. Com isso, por iniciativa da família Cambruzzi, se deu a construção do capitel, como uma alternativa mais viável economicamente de se manter viva a presença da Igreja na comunidade. No capitel de Santo Antônio não são realizadas atividades religiosas ou festivas, ficando o cuidado do espaço a cargo dos próprios moradores da localidade.

Notamos que o capitel Santo Antônio é o que apresenta maior necessidade de preservação e revitalização. Seu espaço interno também é reduzido. A pintura, interna e externa, está um pouco danificada. Após sua construção, o capitel recebeu algumas melhorias, como o revestimento de uma das paredes e do chão com piso cerâmico. Em seu interior encontramos também um altar, no qual repousa a imagem de Santo Antônio. Neste altar também estão depositados dois pequenos vasos de flores artificiais, que ornamentam o espaço de oração. A mescla de vegetação de *pinus* e mata nativa conferem ao capitel grande destaque, contrastando sua cor branca – ainda que apagada pela ação do tempo – com o verde escuro da vegetação. Assim como nos demais, a porta de entrada é de ferro e possui vidros na parte superior. A porta não possui trancas e encontra-se sempre aberta. Chama-nos a atenção que os vidros estão quebrados e a fechadura da porta está danificada.

Ressaltamos que o capitel não possui um cuidador específico, como os demais, e está à margem da estrada de acesso ao lugar de onde se tem a mais bela vista do município, que é o Morro da Asa Delta, um dos principais pontos turísticos de Rolante. Diferente da realidade encontrada nos capitéis anteriores, o de Santo Antônio é aquele que recebe menos cuidados dos moradores próximos, que na maioria das vezes se dirigem às outras localidades da Boa Esperança para participar das atividades religiosas e festivas em torno dos capitéis.

Pelos caminhos dos capitéis: as memórias daqueles que “guardam” histórias

A constituição da identidade dos moradores da Boa Esperança não está ligada somente à religião católica, mas também a outras práticas sociais, costumes, hábitos familiares e ao próprio *fazer* das tradições, que por sua vez, são *preservadas, atualizadas e (re)passadas* (CANDAU, 2012) de geração em geração; com diferentes

Religião, migração e cultura Imagens da fé

elementos – como os capitéis, compreendidos nesse estudo como símbolos materiais da representação étnica e religiosa do grupo – que constituem o processo de construção das suas memórias e de suas identidades.

Essa preocupação da comunidade, de manter viva uma memória dos antepassados que colonizaram a Boa Esperança e que foram os responsáveis pela construção dos capitéis, passa, obrigatoriamente por um processo de *atualização da memória* (CATROGA, 2011), no qual a herança deixada pelos antepassados é ressignificada pelas atuais gerações. Essa atualização se opera de forma que os ritos do passado são preservados, mas atualizados dentro do novo contexto social, no qual as tradições locais, como nesse caso a religiosidade trazida pelos imigrantes, são exaltadas pelo grupo, que procura reproduzir a cultura religiosa herdada, ainda que essa sofra constantemente as transformações do contexto atual.

Esses elementos podem ser observados nas falas dos atuais moradores da Boa Esperança, que manifestam sua preocupação com a preservação dos capitéis. Um exemplo dessa manifestação o encontramos no depoimento do filho de um de seus idealizadores, quando afirma que: “Hoje, cuido deste local, para não deixar cair o que meu pai construiu” (Avelino Rossi); e também na afirmação da filha de outro idealizador, quando ressalta que: “A tradição, a gente não perdeu. Meu pai quem fez. Eram pessoas de muita fé e me passaram muita fé e hoje ajudamos a cuidar deste local”.

Na memória dos moradores, os capitéis eram pontos de encontro da comunidade, onde além da missa eram realizadas festas anuais para arrecadar recursos para a igreja e outras obras da comunidade. Com isso, os capitéis realizavam também sua função social, uma vez que, de acordo com nossa depoente: “Fazíamos grandes festas, vinha toda a comunidade, tinha churrasco e muitas coisas, hoje não se faz mais isso”.

Ressalta-se que os capitéis são preservados por moradores da comunidade ou familiares dos construtores, com o dinheiro arrecadado anualmente como oferta nas celebrações anuais realizadas em cada um dos capitéis da comunidade, no dia em que se celebra, na Igreja Católica, o santo que lhe dá nome; conforme a entrevistada: “Algumas pessoas ficam responsáveis por cuidar e recebem algo por isso, em outros são os familiares de quem construiu que cuidam. O do meu pai - Capitel São Roque - pagamos uma outra pessoa para cuidar”.

Religião, migração e cultura Imagens da fé

Nesse contexto que analisamos, os capitéis são considerados um patrimônio cultural da comunidade. Nessa perspectiva, o *patrimônio* reflete a apropriação ou detenção de um bem, ou até mesmo *a herança de alguém ou de algum povo* (TOMAZ, 2010; LEMOS JÚNIOR, 2011); pode, também, representar um conjunto de bens materiais ou imateriais que guardam memórias. Consideramos, ainda, que os bens imateriais são todos aqueles relacionados à memória, às identidades e às heranças de um povo ou de uma nação, ao passo que os bens materiais são todos aqueles que podem ser vistos e tocados (FEITOSA, 2011). No caso dos capitéis, esse patrimônio pode ser compreendido através da sua *materialidade* e também de sua *imaterialidade*.

A *manutenção do patrimônio* está alicerçada ainda na ideia de conservação e recuperação da memória (CHOAY, 2001), fator que permite aos grupos sociais, a manutenção da sua identidade individual ou coletiva. Assim, o resguardo de algum tipo de identidade, ou de elementos simbólicos que estabelecem relações com esta identidade, significa a manutenção de laços extemporâneos com os antepassados, com um local, com os hábitos, que demonstram quem eles são e de onde seus antepassados vieram e, principalmente, qual o legado deixado por estes.

Para os filhos e/ou familiares dos idealizadores dos capitéis da Boa Esperança, cuidar da conservação destes locais é, antes de tudo, manter viva a história e o desejo de entes que já partiram. Para os herdeiros desse patrimônio, se trata de guardar e cuidar da memória daqueles que tiveram sua vida alicerçada na fé e na crença de que aqueles locais de oração traziam importantes benefícios para a vida dos seus familiares e das demais famílias da comunidade.

A materialidade dos capitéis pode ser compreendida ainda como a representação das *graças alcançadas*, como propõe nosso entrevistado Avelino Rossi, que afirma: “Hoje, cuido deste local, para não deixar cair o que meu pai construiu [...]. Como Santa Bárbara é protetora das tempestades, depois que foi construído o capitel para ela, nunca mais a gente teve grandes tempestades com prejuízos para nós”. Para a comunidade, essa é, ainda, uma forma de reverenciar a religiosidade e a tradição herdada da distante, mas nunca esquecida “terra mãe”, a Itália.

Tendo a religiosidade como um *traço identitário* (HALL, 2014) transmitido ao longo das gerações, Luiza Boneto, uma das moradoras da comunidade, relata que seu marido sofria de uma grave doença e que necessitava de cirurgia médica. De acordo

Religião, migração e cultura Imagens da fé

com suas palavras: “Foi então que prometi a São Roque que iria rezar um terço em sua devoção e iria a pé da minha casa até a capelinha, se meu marido fosse curado e não precisasse passar pela cirurgia, e deu certo [...] eu sempre tive fé”. Nesse relato percebemos a importância desempenhada pelo capitel, que passa a ser compreendido pelos moradores como espaço de reza, de agradecimento pelas graças alcançadas e também de peregrinação.

Ainda, de acordo com os moradores, muitos mantêm o *costume* (THOMPSON, 2013) – herdado de seus antepassados – de visitar os capitéis e fazer suas orações, como afirma Marlei Boneto Prezi, moradora da Boa Esperança: “Eu sempre vou rezar o terço, principalmente quando é o dia de cada um dos santos. Quando estamos trabalhando e não dá tempo de ir naquele dia, vou no outro dia, mas não deixo de ir”.

Observamos que os capitéis possuem diferentes significados entorno da sua construção e das práticas cotidianas de religiosidade e/ou sociabilidade, realizadas neste contexto. Estando na sua maioria o *fazer das promessas* voltado ao desejo e à necessidade de determinado indivíduo, há uma solidariedade a ser observada de forma intrínseca nas relações que se estabelecem em torno das casinhas dos santos.

A realização de práticas sociais – *como a missa e as festas* – em um espaço que agrega manifestações individuais de fé e religiosidade, elenca uma série de relações estabelecidas neste ambiente que tem como fator motivador inicial a devoção ou a prática religiosa dirigida a um determinado santo. A promessa, a construção do capitel e o cuidado com sua preservação e manutenção, a reza do terço, das novenas e missas, são diferentes atos realizados a partir da individualidade para a coletividade, mas que procuram, acima de tudo, fazer reviver as práticas herdadas de seus antepassados, os imigrantes italianos, dando com isso também um sentido de identidade étnica para o grupo (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998). Assim, as práticas religiosas não se restringiam apenas às relações diretas entre o sujeito e o santo de devoção ou Deus, mas perpassavam o espaço da individualidade, penetrando no das *práticas coletivas*.

A partir da realização de atos coletivos de manifestação da fé, foram sendo construídas novas práticas sociais (BOURDIEU, 2001), como as festividades, acompanhadas de música, danças, comidas e bebidas típicas herdadas dos imigrantes italianos. Essas manifestações acabaram contribuindo para a *afirmação e a atualização*

de uma identidade religiosa e étnica entre os moradores da colônia italiana da Boa Esperança.

Considerações finais

A construção dos capitéis, embora apresente características particulares que identificam cada um dos oratórios, está cercada de elementos simbólicos coletivos – *que se manifestam através das imagens* – como as tradições transmitidas pela primeira geração dos imigrantes italianos chegados à Boa Esperança.

Essa geração construiu monumentos que representam sua religiosidade e suas crenças. Este estudo possibilitou identificar elementos que estabelecem ligações com a primeira leva de imigrantes italianos que se instalaram em terras rolantenses. Este patrimônio da comunidade e do município apresenta grande importância, não só como um local de oração e de conforto espiritual, mas também como local de agregação social entre esses imigrantes e de preservação e (re)elaboração de memórias e de um importante legado cultural desta comunidade, que remete à sua identidade coletiva.

Embora estejam estabelecidas, na atualidade, as ligações entre o *espaço dos capitéis* e os *familiares de seus idealizadores* – como forma de manter presente a história e o legado de entes que já partiram –, estas acabam se perdendo com o passar do tempo. A minuciosidade de detalhes, as histórias particulares e a própria tradição, inicialmente envolta nestas construções, muitas vezes, se perderam no tempo e acabaram sendo ressignificadas por aqueles que as herdaram.

Foi possível constatar que todos os capitéis foram construídos em decorrência de promessas feitas aos santos de devoção, em sua maioria por problemas de doença ou por questões relacionadas aos eventos da natureza, como as tempestades. Os capitéis da Boa Esperança foram construídos às margens das estradas principais da localidade, próximo à residência de seus idealizadores, para que esses fossem – como nos ensina o sociólogo francês Pierre Bourdieu – *vistos e lembrados* por todos. Para tal, a manipulação das imagens presentes nos capitéis foi fundamental.

Dos capitéis existentes, três são cuidados e preservados por familiares dos idealizadores ou pessoas escolhidas por estes para realizar o serviço. Todos estão

identificados com placas de sinalização turística, sendo que estes integram um roteiro turístico municipal conhecido como Caminho das Pipas.

Se por um lado a comunidade da Boa Esperança reconhece os capitéis como *seu* patrimônio, esses podem também ser compreendidos como lugares potencializadores da difusão da memória sobre os primeiros imigrantes italianos – e de suas tradições –, bem como daqueles que construíram e daqueles que preservam estes espaços. Através da preservação das casinhas dos santos, como popularmente são conhecidos os capitéis, se pode melhor conhecer os ritos e tradições ligados a estes *monumentos*.

Esses, por sua vez, expressam formas de *ser* e *sentir* da comunidade que os produziu e revelam, ainda, aspectos ligados à devoção do grupo, que atualiza, através das gerações, a memória das casinhas dos santos. Nesse processo, a etnicidade e a religiosidade aparecem como elementos difusores dessa memória do grupo que criou e que ainda preserva esses espaços identitários da comunidade.

Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AUGÉ, Marc (Org.). *A construção do mundo: religião, representações, ideologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BORGES, Maria Eliza Linhares (Org.). *Inovações, coleções, museus*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CAMBRUZZI, Mara. R. G.; GEVEHR, Daniel Luciano. Práticas femininas: percepções e significados - mulheres em Boa Esperança, Rolante (RS), 2008. *Universo Acadêmico*. Revista Científica das Faculdades Integradas de Taquara, v. 2, p. 79-111, 2009.
- CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2013.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como retollo do tempo: memória e fim do fim da história*. 2 ed. Coimbra: Almedina, 2011.
- CHAGAS, Gisele Fonseca. Identidades religiosas e fronteiras étnicas: um estudo do ritual da oração na comunidade muçulmana do rio de janeiro. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 152-176, 2009.

Religião, migração e cultura Imagens da fé

CHAGAS, Mário. Memória política e política de memória. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e Patrimônio*. Ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 136-167.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

FEITOSA, Mônica Nascimento; SILVA, Sandra Siqueira da. Patrimônio Cultural imaterial e políticas públicas: os saberes da culinária regional como fator de desenvolvimento local. *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador: UFBA, p. 193-208, 2011.

FOCHESATTO, Iloni. *Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia, 1977.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. 2 ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25-40.

GUÉRIOS, Paulo Renato. As condições sociais de produção das lembranças entre imigrantes ucranianos. *Mana*. Vol.14, n. 2, p. 367-398, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.103-133.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso em 09. mai. 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LE MOS JÚNIOR, Clésio Barbosa. Patrimônio Cultural: conceitos, proteção e direito pela educação patrimonial. *IX Semana Nacional de Museus*, Minas Gerais, v. 2, n. 1, p. 50-61, 2011.

LUCHESE, Terciane Ângela. Autoridades locais e imigrantes italianos: conflitos e consensos. *História*, Franca, v. 29, n. 1, p. 308-327, 2010.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: Seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.

SCARPIM, Fábio Augusto. Família, religiosidade e identidade étnica nas práticas de

Religião, migração e cultura Imagens da fé

transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo, v. 31, n.1. p. 135-150, jun. 2014.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 26, n. 77. p. 47-62, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SHIEROLT, José Alfredo. *Rolante, rio que gera a história: homenagem pelos 50 anos do município*. Rolante: J.A.S/Câmara Municipal de Vereadores, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. *Revista de História e Estudo Culturais*. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 1-12, maio/ago. 2010.